

HISTÓRIA DO OLHO: A FIGURA REPULSIVA DO PAI E O MEDO DA MORTE TRANSFIGURADOS EM EROTISMO

Emiliana Oliveira Tavares (PIBIC-CNPq/ILEEL/UFU)
tavaresemiliana@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho propõe uma leitura de *História do olho*, de Georges Bataille, como uma narrativa que transfigura, em erotismo, a memória repulsiva do pai e o conseqüente medo da morte provocado por ela. Pretende-se discutir a doença que faz do pai uma figura asquerosa como o interdito paterno, exercido não pela castração à qual, em alguma medida, toda educação de um filho recorre, mas pela repulsa involuntária causada por seu caráter escatológico. Nesse sentido, tanto a acepção sexológica e literária do termo escatologia quanto a teológica são pertinentes para a análise proposta: a primeira pela transfiguração do asco pelo pai em práticas eróticas e a última pela evocação da morte suscitada pelos dejetos conseqüentes da enfermidade paterna, os quais, segundo o próprio Bataille, escancaram o inevitável fim de todo corpo, ou seja, a sua putrefação, o fim de seus tempos.

PALAVRAS-CHAVE: repulsão; medo; morte; transfiguração; erotismo.

ABSTRACT: In this article is proposed a distinct reading to *The Story of the Eye*, by Georges Bataille, as a narrative that transfigures, in eroticism, the repulsive memory of his father and, the fear of death, caused by it. It is also the intention to discuss about the disease which made his father a disgusting person, and his father's prohibitions, not only the emasculation, but also the involuntary repulse caused by his scatological character. In this way, both the literary and sexicological sense and the theological conception of scatology are useful for this analyse: the first one because of the scatter transfiguration of his father in his sexual practices, and the other one due to the calling for death raised by the manures caused by his father's disease, which according to Bataille, open the inevitable end of every body, it means, its rottenness, the end of their time.

KEY WORDS: repulse; fear; death; transfiguration; eroticism.

O erotismo é o desafio da morte e a reafirmação da vida. Reafirmação de uma vida natural, que é incontrolável e sem sentido algum. O ser erótico tem consciência da presença e proximidade da morte e é justamente isso que faz dele um ser livre, sem medo, pudor ou limites. De acordo com Georges Bataille,

Do erotismo é possível dizer que ele é a aprovação da vida até na morte. Para falar a verdade, isto não é uma definição, mas eu penso que esta fórmula dá o sentido do erotismo melhor que uma outra. Se se tratasse de definição precisa, seria necessário partir certamente da atividade sexual de reprodução da qual o erotismo é uma forma particular. (BATAILLE, 1987, p. 10).

O erótico tira prazer do desafio à morte. Segundo Georges Bataille, todo ser, antes de nascer, experimenta uma sensação de comunhão com o todo, a qual o filósofo denomina *continuidade*. O nascimento e a progressiva aquisição da consciência de si quebram essa comunhão, o que caracteriza a *descontinuidade*. O ser erótico é aquele que assume o desejo de experimentar a continuidade, que nada mais é do que o total apagamento de si, uma dissolução da consciência em meio a uma sensação de totalidade com o nada. Para tal, há que se entregar a experiências que só se efetivam com a perda total das garantias corporais, algo que muito se aproxima da morte. O erótico, então, experimenta a morte, trava um duelo com ela, e, nesse jogo, reafirma sua existência não como uma linha reta já traçada e controlável, mas como uma nau à deriva numa imensidão sem nome, sem destino, sem sentido e sem lógica.

O que se pode notar naquele que tem erotismo é que a ausência do medo da morte dificulta sua domesticação por discursos de poder, e, ainda, a aceitação da falta de sentido da vida lhe confere capacidade de autodeterminação, já que sua preferência é forjar, ele mesmo, um sentido, ou vários, para sua existência. Essa constatação explica o porquê de haver todo um mecanismo de poderes que visa impedir o *ethos* erótico. Segundo Georges Bataille, há um interesse político pelo controle do erotismo, pois quanto menos erótico é um indivíduo, mais ele se aceita como força de trabalho para o sistema. Pode-se formar um diálogo entre o filósofo francês e Norbert Elias, sociólogo alemão para quem o projeto de modernidade ocidental procedeu a controlar a relação do homem com a morte com o fim de alcançar maior domesticação dos indivíduos. Em *A solidão dos moribundos*, Elias observa como as sociedades anteriores ao processo civilizador lidavam melhor com a morte, uma vez que as famílias ficavam responsáveis pelos cadáveres dos parentes mortos e todo o preparo do corpo era feito dentro das próprias casas bem diante dos olhos das crianças, as quais, portanto, cresciam mais preparadas para a realidade da morte. Com o projeto da modernidade, criaram-se velórios e necrotérios, fato que impediu a convivência natural entre os vivos e seus mortos. Disso, decorreu justamente o que os mecanismos de poder pretendiam, ou seja, as sociedades posteriores se tornaram tementes à morte e, conseqüentemente, mais propensas à domesticação. Michel Foucault também analisa esse controle social por meio do discurso da saúde, igualmente iniciado no processo civilizador da modernidade. Segundo Foucault, a construção dos hospitais retirou também os enfermos do ambiente domiciliar, fato que estimulou a concepção do doente, mesmo que se tratasse de um parente, em ameaça à saúde dos demais. Esse processo, que compõe um mecanismo de poder mais amplo, é denominado pelo filósofo italiano Roberto

Esposito como *imunização*. Esposito buscou esse termo no campo semântico da medicina justamente para demonstrar como todo o mecanismo político de higienização das relações humanas atingiu, de forma certa, as relações afetivas do homem ocidental, o qual passa a considerar a possibilidade de que o outro possa oferecer um risco real à sua integridade física. Com tudo isso, incentivou-se o asco físico e afetivo em relação ao outro.

No presente artigo, propõe-se uma leitura de *História do olho* inspirada nessa discussão. Essa obra ficcional de Bataille narra experiências de total entrega erótica de dois personagens muito jovens, que estão desvinculados de todo e qualquer conceito ou ideia de imunização e higienização. O erotismo na obra é representado pelas aventuras sexuais e excessos inconsequentes desses dois personagens principais: o narrador e Simone. Terminada a ficção, há uma espécie de epílogo, intitulado “Reminiscências”, cujo escritor se assume como o autor da narrativa. A leitura revela que o suposto autor tenta explicar toda a ficção como representação de fatos reais de sua experiência de vida com a família, principalmente com o pai enfermo.

A respeito do suposto autor, levantam-se debates em linhas contrárias. Há quem acredite que ele é sim o próprio Bataille apresentando um recorte de sua infância e juventude no qual relata fatos de sua família e de sua relação com os pais. Já outros se baseiam em depoimentos do irmão de Bataille, nos quais ele nega a veracidade dos fatos. De qualquer forma, o objetivo desse trabalho não é afirmar ou refutar nenhuma dessas linhas, e, sim, tratar todo o objeto como uma obra de ficção, que, como tal, não deve ter caráter documental. Propõe-se, então, uma leitura na qual o suposto autor é um narrador que tenta transfigurar sua experiência traumática em erotismo e arte.

Ao longo da obra, percebemos simbologias que representam o erotismo dos personagens e que ao fim, quando escreve o suposto autor, descobrimos que aquela simbologia foi originada na enfermidade do pai e, depois, ressignificada em erotismo. Para o presente artigo, serão analisados três símbolos: a urina, o ovo e o olho. A proposta de análise se inspira em duas acepções da escatologia. A primeira, a religiosa, segundo a qual o escatológico é uma evocação da morte suscitada pelos dejetos, uma vez que estes escancaram o inevitável fim de todo corpo, ou seja, a sua putrefação, o fim de seus tempos. É justamente o que a figura debilitada do pai provoca no suposto autor. Já as acepções sexológica e literária, muito próximas, tratam da transfiguração da experiência traumática de conscientização da morte em erotismo ou arte.

Como discutido antes, a morte é algo assustador para homem ocidental, que, por isso, recorre, em sua rotina, a recursos mentais e cotidianos como ferramenta para manter

a ideia da morte como uma realidade distante. Assim, o suposto autor nos apresenta a infância na qual conviveu com um pai doente, paralítico, cego, e que sentia muita dor. Essa figura paterna passava seus dias presa a uma cadeira na qual fazia suas necessidades fisiológicas. Durante a infância, esse narrador se compadecia do estado do pai e se comovia com a situação, sentimentos que faziam com que, naquela fase, ele se mantivesse próximo do pai para cuidar dele. Porém, o avanço da doença debilitou-o ainda mais e a debilidade de seu corpo transformou-o numa figura repulsiva principalmente por conta do mau odor que exalava por causa da urina e das fezes. O filho jovem se afasta do pai e passa a remoer tanto a culpa e o asco quanto o medo da morte, extremamente real naquele corpo em putrefação.

Freud fundamenta na psicanálise o recalque, que é a vivência e somatização de experiências fortes que expõem o ser em sua maior fragilidade e o obrigam a se posicionar em situações emocionais extremas. Essas experiências traumáticas são recalçadas no interior do ser e em algum momento da vida vivencia-se uma nova situação que traz à tona todo o sentimento recalçado, abrindo velhas feridas e revivendo mágoas, essa situação recebe o nome de “O retorno do recalque”.

Porém, Bataille vai muito além do ocultamento do horror. Em *História do olho* o autor mostra como o horror vivido foi recalçado e depois transfigurado em literatura e erotismo. O medo sentido pelo narrador era o medo da morte que se fazia presente através do estado enfermo avançado do pai e esse trauma foi resolvido através do desafio da morte por meio da experimentação dos excessos, que nada mais é que uma forma de jogar com a morte, justamente o que Bataille chama de erotismo: “É justamente por sermos humanos e vivermos na sombria perspectiva da morte, que conhecemos a violência exasperada, a violência desesperada do erotismo.” (BATAILLE, 1987, p. 62).

Conforme Bataille trata em sua obra filosófica, sobretudo em *O erotismo* e em *A parte maldita*, o erotismo não está fundamentalmente atrelado ao ato sexual, é conceituado pelas ações, pela exploração e conhecimento do próprio corpo, é a experiência de sensações que podem ser até mesmo extracorpóreas, ou seja, algo que provém da experiência interna de cada ser. O erotismo, que nada tem de perversão, exerce o papel de ferramenta libertadora que reafirma a vida. O homem, ao contrário dos animais, incorporou o erotismo ao ato sexual, o que torna possível a diferenciação do ato de algo em que o único fim seria a reprodução da espécie e que, com o erotismo agregado, passa a possuir o valor subjetivo do prazer. Na leitura que se propõe de *História do olho*, obra ficcional de Bataille, a evocação da morte – escatologia teológica – instaurada pela

deterioração do físico do pai, tem forte apelo simbólico, pois é justamente a figura paterna, carregada de todo o poder do interdito freudiano, que se anuncia derrotada pelo aniquilamento irreversível. No caso do suposto autor, que em cuja infância conviveu de perto com essa ameaça, o poder do interdito paterno se fez não pela castração, mas pela constatação do inevitável fim da existência. O jovem que observava o padecimento do pai se fixa, metonimicamente, em duas representações da agonia paterna: a urina fétida, que o colocava em situação vexatória, e o branco dos olhos revirados de dor. Em “Reminiscências”, ele relata:

Por outro lado, às imagens de minhas obsessões associam-se lembranças de outra natureza. Nasci de um pai sífilítico (tabético). Ficou cego (já o era ao me conceber) e, quando eu tinha uns dois ou três anos, a mesma doença o tornou paraplético. Em menino, adorava aquele pai. Ora, a paralisia e a cegueira tinham, entre outras, estas consequências: ele não podia, como nós, urinar no banheiro; urinava em sua poltrona, tinha um recipiente para esse fim. Mijava na minha frente, debaixo de um cobertor que ele, sendo cego, não conseguia arrumar. O mais constrangedor, aliás, era o modo como me olhava. Não vendo nada, sua pupila, na noite, perdia-se no alto, sob a pálpebra: esse movimento acontecia geralmente no momento de urinar. Ele tinha uns olhos grandes, muito abertos, num rosto magro, em forma de bico de águia. Normalmente, quando urinava, seus olhos ficavam quase brancos; ganhavam então uma expressão fugidia; tinham por único objeto um mundo que só ele podia ver e cuja visão provocava um riso ausente. Assim, é a imagem desses olhos brancos que eu associo à dos ovos; quando, no decorrer da narrativa, falo do olho ou dos ovos, a urina geralmente aparece. (BATAILLE, 2003, p. 90).

É justamente dessa fixação que o suposto autor transfigura a escatologia teológica na sexológica e literária, ou seja, transforma os símbolos da morte em erotismo e arte ao mesmo tempo, ao criar a ficção sobre dois jovens transgressores cujas experiências eróticas se estimulam pelo ovo, pela urina e pelo olho:

Um dia, finalmente, na hora em que o sol oblíquo das seis horas iluminava o banheiro, um ovo meio vazio se encheu de água e, tendo feito um ruído estranho, naufragou sob nossos olhos; Simone, para quem esse incidente estava repleto de sentido, se ergueu e gozou demoradamente, bebendo, por assim dizer, o meu olho com seus lábios. Em seguida, sem largar esse olho chupado tão obstinadamente como um seio, ela sentou-se e, aproximando a minha cabeça, mijou nos ovos flutuantes com vigor e satisfação. (BATAILLE, 2003, p. 51).

Em vários momentos da obra de Bataille, a urina é utilizada como quebra da imunização, que se faz pelo excesso de higienização do corpo. Os personagens, ao fim de suas aventuras corpóreas, sempre urinam. Essa é uma forma de demonstrar a libertação do ser, a negação do conceito de higienização. Nesse sentido, tais atitudes escatológicas podem ser lidas como um ato de resistência à normalização de condutas objetivada pela higienização das relações humanas, pois um indivíduo que aceita a imunização a ele

imposta não percebe a construção social do nojo como um mecanismo de controle do erotismo para domesticação do homem para que este se aceite como mero objeto de trabalho e produção para o sistema.

As personagens utilizam o ovo em suas experiências de prazer. Quando o suposto autor nos conta que o pai revirava os olhos de dor, deixando exposta apenas a parte branca, revela que associava essa imagem a um ovo. Por isso, o olho e o ovo se tornaram fortes nas ressignificações feitas na transfiguração:

Acendi a luz do banheiro. Simone sentou-se na privada, cada um de nós comeu um ovo quente, acariciei o corpo da minha amiga, fazendo deslizar os outros ovos em cima dela, e sobretudo na rachadura das nádegas. Simone olhou-os por algum tempo, imersos, brancos e quentes, sem casca, como se estivessem nus sob sua bunda; ela prosseguiu a imersão com um barulho de queda semelhante ao dos ovos quentes. (BATAILLE, 2003, p. 52.)

Mas a cena mais significativa sobre a transfiguração do trauma que o olho do pai revirado pela dor causou no suposto autor é talvez a mais impactante de toda a narrativa. Trata-se de quando o jovem casal, na companhia de Sir Edmond, invade uma igreja em Sevilha, Espanha, e Simone entra no confessionário para provocar o jovem padre que a escuta. O padre não consegue controlar seus instintos e se sente humilhado por isso. A excitação da jovem extrapola todos os limites e a violência com que ela e o narrador abusam do padre leva-o à morte. O olho do cadáver passa a ser objeto de desejo de Simone.

Ela me levou até o morto e, ajoelhando-se, levantou as pálpebras e abriu completamente o olho sobre o qual a mosca havia pousado.
 -Você está vendo o olho?
 -E daí?
 -É um ovo- disse ela com toda simplicidade.
 Insisti, perturbado:
 -Aonde você quer chegar?
 -Quero me divertir com ele.
 -E o que mais?
 Levantando-se, ela parecia incendiar-se (estava, então, terrivelmente nua).
 -Escute, Sir Edmond, quero que você me dê o olho já, arranque-o. (BATAILLE, 2003, p. 84).

Aqui, é inevitável associar o olhar de morte do pai do suposto autor com o olho morto do padre. O que se pode notar é que a transfiguração feita joga com as duas representações simbólicas do poder do interdito: pai e padre. Não por acaso, esse excesso erótico com o padre é a última aventura da narrativa, e a mais radical de todas. A força imagética da cena inspira a interpretação de todo o processo de ressignificação da

lembrança repulsiva do pai, que provocava o medo da morte, em um desafio a esse aniquilamento inevitável da existência. Tal processo parte da memória repulsiva do pai, passa para a representação da escatologia teológica, representada pelo padre, e culmina com a prática erótica mediada pelo olho do morto, o que simboliza a escatologia sexológica e a literária, ou seja, a transfiguração final e total de todo o trauma que as reminiscências significavam em erotismo e arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BATAILLE, Georges. *A parte maldita*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- BATAILLE, Georges. *História do olho*. São Paulo: Cosac Naify, 2003
- BATAILLE, Georges. *Les larmes d'Éros*. Paris: Union générale Éditions, 1971.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ESPOSITO, Roberto. *Comunidad, inmunidad y biopolítica*. Barcelona: Herder Editorial, 2009.
- ESPOSITO, Roberto. *Immunitas: protección y negación de la vida*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*, vol.I. *A vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.